

## do genocídio linguístico a daniel de sá e outros

**Autor(a):** J. CHRYS CHRYSTELLO | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

**Tema:** Língua e Literatura

**Subtema:** crónica

**Referência geográfica do conteúdo:** Lomba da Maia, Portugal

**Data de publicação:** 30/10/2009

**Referência da Primeira Publicação:**

2008

**Línguas disponíveis:** Português

**Situação do artigo/trabalho:** *(Artigo/Trabalho em Apreciação)*

### RESUMO

Sinopse:

#### *Do genocídio linguístico à literatura açoriana e a Daniel de Sá*

O número de línguas está a diminuir drasticamente. Trata-se de genocídio linguístico: as línguas são sistematicamente abatidas. Os países ocidentais têm silenciado centenas de línguas. Algumas podem ter já desaparecido sem que ninguém se tenha apercebido da sua extinção. Metade delas desaparecerá até ao fim do século. A tradição oral preserva formas verbais e não-verbais. A História australiana não nos diz qual o papel desempenhado pelos intérpretes e nativos vital para o desenvolvimento da colónia. Embora tenham características únicas, os dialectos dos arquipélagos atlânticos dos Açores e Madeira podem, agrupar-se nos dialectos meridionais. "O debate académico em torno da expressão «literatura açoriana», é antigo, nada causava tantos embaraços como falar em literatura açoriana. Hoje, é questão arrumada. A Universidade de Brown tem uma cadeira de Literatura Açoriana. Recentemente tive a honra e o privilégio de ter de aprender as idiossincrasias micalenses e do triângulo quando traduzi obras de Daniel de Sá, Manuel Serpa e Vítor Rui Dorez. Trata-se de desvendar as ilhas como mito paradisíaco recuando na sua essência até à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se abriram ao peso do presente e não podem ser apenas perpetuadas nas suas memórias. No plano da linguagem, o Autor dá-se ao luxo de exportar, por efeitos de mimética, para a Beira Alta, o seu herói em busca de um amor perdido no léxico e na sintaxe dos velhos montes escalavrados por entre o pastoreio, numa verdadeira apologia da solidão física e mental. Existe uma interdependência do autor, dos personagens e do leitor que nos levou a ver e rever dezenas de vezes, uma só passagem do livro para lhe darmos o tom, o colorido, a sonoridade e a poesia das prosas. O resultado é rico, denso e tenso, enovelando em diálogos simples e curtos um enredo que nos prende da primeira à última página e me levou a interrogar como é fiquei órfão intelectual ao traduzir o livro. ... sinto um síndrome de Estocolmo, fiquei cativo, apaixonei-me pelos captivos...e agora? As línguas têm de ser mantidas, tratadas e estimadas. Elas não dividem países, a intolerância sim. A sobrevivência dos idiomas neste século depende de todos nós[1], pelo que devemos aproveitar as novas tecnologias para *também descobrir esta nossa rica cultura açoriana*".

---

[1] <http://www.whyy.org/91FM/radiotimes.html> The work of DAVID HARRISON and GREGORY ANDERSON is the subject of a new film which was screened at Sundance, "The Linguist." The film tells the story of their travels and research around the globe to document endangered languages. Anderson and Harrison both are affiliated with the "Living Tongues Institute for Endangered Languages."

### CONTEÚDO

Do genocídio linguístico à literatura açoriana de Daniel de Sá  
Chrys Chrystello

#### 1. Genocídio linguístico

A maioria das línguas em risco de extinção não consta de dicionários ou de gramáticas. Em África existem quase 2400 línguas (35%), na Ásia 2000, Australásia (Oceânia 1200), Américas (1000) e Europa (200). Apenas 15 países têm só uma língua (Bielorrússia, Bósnia-Herzegovina, Cuba, Coreia do Norte e Turquemenistão). Os autores Nettle e Romaine afirmam que "metade das línguas faladas em todo o mundo podem desaparecer neste século." Para tornar mais explícito o elo entre a sobrevivência linguística e os assuntos ambientais, estes autores arguem "A extinção linguística faz parte do colapso quase total dos ecossistemas mundiais."

As batalhas para preservar os preciosos recursos ambientais - tais como as florestas tropicais - não podem nem devem separadas da luta para manter a diversidade cultural, e as causas da morte das línguas que à semelhança da destruição ecológica assenta na interligação entre a ecologia e a política. Existe um desconhecimento profundo sobre as línguas - desde o seu número e tamanho, aos seus nomes e locais onde são faladas. Metade das línguas mundiais desaparecerá até ao fim deste século, e entre 80 a 90 por cento desaparecerá nos próximos duzentos anos. Em números concretos, em cada quinzena, morre uma língua.

Os antropólogos lamentam o massacre das línguas: para eles, cada língua e como uma catedral imponente, um objecto de beleza e o produto de um enorme esforço criativo, cheio de ricas tapeçarias do conhecimento. Não permitiríamos que a Capela Sistina ou que a Mona Lisa desaparecessem sem guardar todos os traços e registo dessas obras-primas, e o mesmo se deve aplicar às línguas. Na Austrália os colonizadores europeus no século XX tentaram "civilizar" os aborígenes dando-lhes valores e padrões ocidentais, escolas e vestuário, misturados com Cristianismo e Inglês. Isto foi ainda mais notório quando raptaram literalmente uma em cada dez crianças aborígenes para as forçarem a assimilar, pela força, os valores da sociedade branca.

De igual modo, nos EUA, os governos obliteraram da face da terra tribos de Índios e forçaram as crianças nativas americanas a frequentarem escolas nas quais era proibido o uso de qualquer língua que não a inglesa. A situação reverteu nas últimas décadas em ambos os países. Culturalmente, a Austrália foi colonizada com gente vinda de Inglaterra e de mais 26 países. Quando os primeiros colonos arribaram em 1788 havia 250 línguas aborígenes incorporando cerca de 600 dialectos aborígenes, dos quais sobrevivem, hoje, cerca de 250. Tinham vocabulários complexos descrevendo os intrincados meandros das suas sociedades. Algumas delas tinham mais de dez mil étimos. com terminoloias esocificas

para as cerimónias de iniciação ou para aqueles com quem o contacto devia ser evitado. Alguns casais falavam mais do que um idioma e as pessoas identificavam-se quer pela geografia como pelas línguas.

A tradição oral preservou formas verbais e não-verbais, incluindo danças, canções e pintura. Cada grupo linguístico era uma nação com fronteiras, cultura e regras grupais. Actualmente cerca de 10% da população aborígine australiana fala um dos remanescentes 250 dialectos tribais. Destes, cerca de 160 já desapareceram ou são falados apenas pelos anciãos. Dos restantes 90 dialectos apenas vinte (20) têm uso corrente diário, por novos e velhos, sendo transmitidos para a próxima geração. De todos os que sobrevivem, metade deles tem apenas entre 10-100 pessoas capazes de os articularem.

Mas o campeão da extinção de línguas nativas é o Brasil, segundo o jornal "O Liberal" de Belém. Das 1 100 línguas indígenas, apenas 180 sobrevivem após cinco séculos, sendo mais de 80% faladas por índios. Em cinco séculos de ocupação portuguesa, o Brasil perdeu a maior parte das línguas indígenas. O processo de extinção continua.

O ano de 2008 foi definido como o Ano Internacional dos Idiomas pela ONU mas esta data passa despercebida porque a extinção das línguas não se sente da mesma forma que uma inflação ou uma depressão económica. O desafio é tentar retardar ao máximo o desaparecimento das línguas em risco com um pequeno número de falantes que não a conseguem transmitir. A longo prazo a tendência é a extinção mas convém lembrar que não só as línguas morrem, com elas perde-se um conjunto de hábitos culturais, ancestrais conhecimentos de gerações. Com a sua morte esse conhecimento também fica inacessível. A língua é parte integrante da cultura. Este aspecto cultural é frequentemente negligenciado, dado ter-se em conta apenas a função da comunicação. É através da linguagem que se acede à cultura de um povo, ao seu modo de pensar e de vida, às suas tradições, ao seu saber.

O português beneficiou da globalização. Na internet, o Inglês representava 75% em 1998 e 45% do total em 2007. O português era 0,82% em 1998 e estava em sexto lugar em 2007 com 1,39% de pois de ter atingido 2,25% em 2001. O espanhol com 2,5% em 98, atingiu 5,5 em 2001 e actualmente tem 3,8%. O acordo ortográfico tem a intenção política manifesta de incrementar o "valor de mercado" do português.

David Crystal chama netspeak, à "língua da rede". Segundo Crystal "O crescimento das grandes línguas do mundo funciona como um tractor, esmagando os idiomas que se põem no caminho. Isso não é um fenómeno restrito a duas ou três línguas. Não é apenas o inglês que ameaça línguas nativas na Austrália, ou o português que põe em perigo idiomas indígenas no norte do Brasil. O chinês, o russo, o hindi, o suahili - todas as línguas maioritárias ameaçam idiomas de comunidades pequenas. O futuro dessas línguas minoritárias está vinculado a políticas regionais. Nos lugares onde sobrevivem, há uma série de práticas políticas e económicas que valorizam a diversidade. A globalização e a revolução tecnológica da internet originam um "novo mundo linguístico". Entre os seus fenómenos estão as subversões da ortografia presentes nos blogues e nas trocas de correio electrónico e o aumento no ritmo da extinção de idiomas. Estima-se que em cada quinzena desapareça um. Cresce a consciência de que as línguas bem faladas, protegidas por normas cultas, são ferramentas da cultura e também armas da política, além de serem riquezas económicas. A reforma do português ora em curso vai-se defrontar com um desafio inédito. Outras mudanças foram feitas em situações em que era bem menos intenso o ritmo de entrada de palavras e conceitos na corrente da vida quotidiana."

Em correspondência com o autor David Crystal afirmava-nos há alguns anos "Espero que o desenvolvimento da língua portuguesa faça parte duma ética multilíngue nos países em que é falado a fim de que as línguas indígenas sejam respeitadas e apoiadas, o que no caso do Brasil é crítico dado o estado das línguas índias nativas."

### 3. Da literatura açoriana (traduzida) a Daniel de Sá

Deixando de lado estas classificações o que nos interessa aqui é lembrar que "o debate académico em torno da expressão «literatura açoriana» é antigo - e chegou a contaminar ao longo dos anos 80 os próprios autores, quando estes se reuniam em encontros, congressos e simpósios construindo lentamente a intensa rede de amizades, afinidades intelectuais e intertextualidades que hoje marca o grupo. Onésimo escreveu dois livros e coordenou outro em torno do assunto, a saber: A Questão da Literatura Açoriana (1983), Da Literatura Açoriana - Subsídios para Um Balanço (1986) e Açores, Açorianos, Açorianidade (1989). Nesses anos, falava-se em artesanato açoriano, folclore açoriano, até cultura açoriana - mas nada causava tantos embaraços como falar em literatura açoriana.

O problema colocou-se primeiro por razões políticas. Em 1975, três anos antes de morrer, Vitorino Nemésio deixara-se utilizar pela Frente de Libertação dos Açores (FLA), movimento independentista hoje formalmente extinto, como candidato a Presidente da futura República - e, ao longo dos anos seguintes, e contra a vontade da maioria dos autores, os separatistas que ainda restavam no arquipélago insistiram em usar a literatura das ilhas como um dos sinais da identidade nacional destas.

Depois, vieram modas e tendências. Hoje, é questão arrumada para a maioria dos autores. Cristóvão de Aguiar contesta o uso da expressão, outros agarram-se a ela com ambas as mãos, um terceiro grupo olha-a com bonomia e cita Wittgenstein para explicar que se trata sobretudo de uma expressão útil - já não é uma questão central, no fundo. Se há literatura cabo-verdeana ou literatura são-tomense, contestar a existência de uma literatura açoriana é sinal de um «um restinho de Inquisição», diz Onésimo.

«É, pelo menos, um ramo único no contexto da literatura portuguesa», diz Eduardo Bettencourt Pinto, 51 anos, um angolano que se tornou «escritor açoriano» por escolha própria e que já publicou no Campo das Letras o seu mais recente romance, A Casa das Rugas (2004). Feitas as contas, o que prevalece é a opinião de Pedro da Silveira, poeta da ilha das Flores (1922-2003) e autor, entre outros, de A Ilha e o Mundo (1953): «A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Apenas precisa, o que é diferente, de sair do gueto que lhe tem sido a sina», escreveu na entrada «Açores» do Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária, coordenado em 1977 por João José Cochofel para a Iniciativas Editoriais. A verdade é que, lentamente, os escritores foram encontrando o seu espaço.

A Universidade de Brown tem há anos uma cadeira chamada Literatura Açoriana - e na Universidade dos Açores, Urbano Bettencourt ministrava o curso de literatura açoriana (enquanto unidade curricular das licenciaturas) com a duração de dois semestres; havendo outro curso, "Portugal atlântico e a açorianidade" que era um módulo de 10 horas integrado nos Cursos de Verão da Universidade. O próprio Urbano nos declarava há dias que de momento não sabe se, "para lá do que o Onésimo lecciona na Brown, existem outros cursos de iniciação à Literatura açoriana; na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o Assis Brasil orienta um curso de literatura açoriana mas já em pós-graduação. Há, no entanto, trabalhos e projectos aqui e ali; em França está a ser desenvolvido um projecto de doutoramento sobre o suplemento literário "Glacial" (Angra do Heroísmo, 1967-1973). O programa da disciplina de 2002 não se alterou desde então, apenas se actualizou a bibliografia crítica e foi variando o leque das obras obrigatórias, embora mantendo o Mau Tempo no Canal. Os trabalhos individuais dos alunos permitiam abordar as obras de autores mais recentes e que aparecem na bibliografia fornecida."

Podíamos citar dezenas de outros autores relevantes .

Eu sou um recém-chegado a estas ilhas com menos de três anos de aprendizagem mas tive a honra e o privilégio de aprender as idiosincrasias micalenses e picosenses quando recentemente traduzi as últimas obras de Daniel de Sá e de Manuel Serpa. Deparei-me com noções etimologicamente novas contrastando com o uso ancestral que o Português do continente lhes põe nos dicionários. Trata-se aqui de desvendar as ilhas como mito paradisiaco recuando na sua essência até à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se abriram ao peso do presente e não podem ser apenas perpetuadas nas suas memórias. Muitas vezes a obra dum autor sofre drasticamente quando, em vez de ser tomada apenas como obra, é erigida ao estatuto regionalista, que não pretendeu para si própria.

Podem deduzir-se da leitura destes autores, algumas características relevantes para a açorianidade:

1. O modo como o clima inculca um carácter de torpor e de lentidão em que a pressa é amiga da morte;
2. O modo como a História define os habitantes deste arquipélago ainda hoje quase tão afastados da metrópole como há séculos atrás;
3. A forma como se recortam todos os estratos sociais: vincadamente feudais apesar do humanismo que a revolução dos cravos aleadamente introduziu nas relações sociais e familiares;

4. O modo como a proximidade da terra se manifesta ainda de forma sobrejacente fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo.

Neste universo tão idílico não busquei - ao traduzir essas obras - a essência do ser açoriano, que de certeza existe, em miríade de variações insulares, cada uma vincadamente segregada da outra, se o homem se adaptou às ilhas ou se estas se continuam a impor condicionando a presença humana, para assim evidenciar a sua diferença específica, neste caso a açorianidade? Estando a açorianidade presente num escritor, explicá-lo é tarefa para estudos mais complexos do que a mera actividade de um tradutor, por mais empenhado ou apaixonado que este possa estar pelo objecto da sua tradução.

A existência, ou não, de literatura açoriana não passa, necessariamente, pela existência desta açorianidade. Natural da ilha das Flores, Pedro da Silveira (1923-2003) captou "as mundividências açorianas", abrangendo na sua poesia "as inquietações e os sonhos de gente viva de todas as partilhas e um verdadeiro compromisso social", enquanto eu apenas tive a oportunidade de captar uma fotografia da alma dos escritores que traduzi.

Luiz Antonio de Assis Brasil analisou a obra de Daniel de Sá e em especial à narrativa de ficção, que revela facetas da identidade insular, em especial da ilha de origem.

"Coloca-se assim a evasão como um destino ao qual o açoriano se entrega com a fatalidade do cumprimento de um dever. O resultado é a errância, a transitoriedade e o permanente desejo da volta. Quando acontece, essa volta nunca é satisfatória: o emigrado jamais poderá deixar de ser americano, e mesmo que construa uma casa sumptuosa em sua freguesia original, contribua para a igreja e participe das festas colectivas, todos lhe conhecem a história. Intentando uma análise mais ampla, percebemos quanto os componentes tradicionais da literatura açoriana estão presentes nessa obra: a sensação de estar-se numa prisão, o desejo de evadir-se, a saudade a roer os calcanhares, a estreiteza do ambiente insular, a desconfiança das terras estrangeiras. Daniel de Sá mostra-nos uma outra realidade: aqui já não há quem abandone a ilha, mas todos são prisioneiros desse cárcere que se circunda de infinitude por todos os lados. O título, grafado no singular, o é naquele sentido antigo: então temos crónicas, onze no total, que tratam dos teres e haveres açorianos, nomeadamente da ilha de São Miguel, mas cujos interesses vão além."

No plano da linguagem, o Autor do livro "O Pastor das Casa Mortas" (edição VerAçor 2007) dá-se ao luxo de exportar, por efeitos de mimética, para uma das regiões mais interiores e montanhosas de Portugal, a Beira Alta, o seu herói em busca de um amor perdido no léxico e na sintaxe dos velhos montes escalavrados por entre o pastoreio numa verdadeira apologia da solidão física e mental que é o retrato de Manuel Cordovão esse lusitano de um amor só para toda a vida. Como o autor diz a começar trata-se de um livro dedicado "As mulheres e aos homens que ainda acendem o lume nas últimas aldeias de Portugal."

A narrativa utilizando terminologia não insular acaba por poder ser lida como uma ode ao açoriano isolado de si e do mundo, neste amor perdido que se encontra apenas quando Caronte ronda. Como diz o autor "Embora eu vivesse numa ilha pequenina, a cinco minutos de um passeio calmo até ao aeroporto de quase todas as companhias aéreas que havia no Mundo, isso para o caso pouco importa! Aliás esta transposição da naturalidade geográfica do personagem deixa-nos permanentemente na dúvida se a Teresa do "Pastor" não será irmã gémea da personagem feminina que acompanha os seus passos na digressão por "Santa Maria: a Ilha-Mãe". Em ambas as obras "as palavras [são] tratadas suavemente, amenizando as arestas da fonética, como se com elas não pudesse nunca ofender-se alguém."

Trata-se de uma visita não ao "despovoamento das ilhas" mas ao despovoamento do país real, montanhoso, interior e árduo de Portugal. Aqui não se resgata o imaginário colectivo naquilo que tem de mais genuíno e identificador, antes pelo contrário, se dá a palavra a uma erudição improvável de um apascentador de cabras. Aqui não há a memória plural, que vem de Gaspar Frutuoso, mas sim uma ficcionalização dum fenómeno que não se mimetiza apenas nesta digressão pela Beira Alta. As Casas Mortas são-nos apresentadas como um resultado inevitável e inelutável ao longo da vida do personagem principal, sem que a sátira ou o humor permeiem a couraça de convicções de Manuel Cordovão. Existe uma interdependência do autor, dos personagens e do leitor que nos levou a ver e rever dezenas de vezes, uma só passagem do livro para lhe darmos o tom, o colorido, a sonoridade e a poesia das prosas. De início pensei que seria ocasião única, mas rapidamente me apercebi de que era recorrente à totalidade da obra ficcionada.

O resultado é uma prosa rica, densa e tensa, enovelando em diálogos simples e curtos um enredo que nos prende da primeira à última página e me levou a interrogar como é que fiquei órfão intelectual desde que acabei de traduzir o livro. As suas personagens e a sua escrita fazem de tal modo parte da minha vida que sinto uma espécie de síndrome de Estocolmo, fiquei cativo e apaixonei-me pelos captores...e agora, como vai ser?

Já o outro livro intitulado "Santa Maria Ilha-Mãe" (também editado pela VerAçor em 2007) é uma viagem ao passado, permeada de nostalgia quase lírica e pela magia da infância e das suas cores simples mas bem nítidas. Fala-se de como os Açores conviveram com o isolamento ao longo dos séculos, dos ataques de piratas, uma ameaça constante a inculcar ainda mais vincadamente as crenças de origem religiosa - numa ilha que felizmente não foi muito assolada por terramotos nem explosões piroclásticas. Essa mundividência, leva-nos naquilo que pode ser considerado o mais interessante guia ou roteiro turístico jamais escrito.

O próprio título gerou controvérsia, quer na versão portuguesa quer inglesa (Santa Maria: Ilha-Mãe; Santa Maria, Island Mother), ou como o próprio autor notaria: "Não se trata de "mãe" com valor de adjectivo, mas sim de dois substantivos, tanto mais que os lixei com hífen em Português. Como bem entendeu, uma ilha que é mãe também. Não é o caso de Ilha Verde, por exemplo..."

Diz-nos Daniel de Sá "O Clube Asas do Atlântico era um dos meus quatro lugares míticos. Os outros três, também sagrado um deles, eram a capela de Nossa Senhora do Ar, o Externato e o Atlântida Cine. Ainda hoje recordo exactamente o seu cheiro" e todos nós - ao lê-lo - sentimos com ele, os cheiros, as cores e as toadas que nos descreve.

Estes dois livros pertencem a um mesmo tempo, em que "falar do passado açoriano é, também, falar do seu presente, e referir-se ao presente é remeter inapelavelmente ao passado, o que mostra a unidade e a solidez de propósitos do livro", como diria Assis Brasil, referindo-se ao notável e quase único traço constante de profundo humanismo que informa os textos. Todas as suas personagens, são de tal forma credíveis que nos sentimos transportados ao local e vivemos partilhando os sentimentos dos interlocutores.

Como magistralmente disse a escritora canadiana Ann-Marie MacDonald, "A tradução, tal como a escrita, é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte.

A tradução do livro de Manuel Serpa "Da pedra se fez vinho/When rock became wine" foi outro exercício inesquecível. Apesar da ajuda de vários conterrâneos do autor houve ocasiões em que as explicações à guisa de glossário se sobrepunham umas às outras, aumentando as já profusas notas de tradutor. Tudo isto porque para um mero leitor do continente o texto seria incompreensível, ou seja, era necessário haver mesmo uma intertradução, do falar picoense para o falar continental, antes de ser vertido num inglês pouco shakespeariano. Criou-se involuntariamente um novo glossário a adicionar à Dicipédia Contrastiva da Língua Portuguesa que estes Colóquios estão a inventar desde o ano passado. David Crystal sempre salientou que a língua inglesa "tinha substituído muitos idiomas nativos como o Cambriano ou Câmbrico, Cornualhês, Norm e o galês Manx, embora esteja nas últimas décadas a ser ela mesma substituída pela sua variante norte-americana". Ao ler trabalhos na língua original da autoria do português Saramago, do colombiano García Márquez, do egípcio Naguib Mahfouz, uma pessoa deve ser sempre humilde em relação aos nossos colegas tradutores, capazes de penetrarem até às mais recônditas minudências das línguas de origem e transformarem-nas nas mesmas tonalidades na nossa língua de leitura. Foi isso que tentei fazer ao descobrir a Açorianidade da língua e cultura destes autores que ora traduzi e que me permitem afirmar sem sombra de dúvidas que a literatura açoriana está viva, de boa saúde e recomenda-se.

Não posso porém senão lamentar, que parte dos editores portugueses continue infelizmente a preferir o trabalho fácil, rápido, barato e pouco profissional de tantos aprendizes de feiticeiro tradutor. Cito um velho exemplo (datado de 1998) do jornal The Boston Globe, em que as vendas de um 'depilador' na Rússia tinham sido objecto de uma promoção como sendo um 'tónico capilar' para desespero de todos os recém transformados em carecas. Outros exemplos estrangeiros abundam como o da água mineral "Blue Water" anunciada em Ucrânica como "bluvota" [vômito] ou ainda o anúncio do champô

"Wash and Go" que em Russo soa a 'vosh' ou piolho. Admitamos que traduções semelhantes em português são infelizmente correntes em material promocional do arquipélago como aconteceu há poucos anos com o belo livro turístico promocional intitulado "Triângulo Dourado" editado pela Clássica Publicações.

Começamos esta apresentação dando-vos conta da extinção das línguas e dialectos, passando depois à vitalidade da escrita açoriana exemplificada pelos livros que recentemente tive o privilégio de traduzir para inglês, para os mercados da Norte América.

Deixem-me pois concluir que as línguas têm de ser mantidas, tratadas e estimadas. Elas não dividem países, a intolerância sim. Muitos de nós ignoramos a perda diária de dialectos e línguas e nem sequer sentem a sua falta, outros há que acreditam que a pluriexistência de línguas é uma praga que assola a humanidade desde os tempos da Torre de Babel, que nem vez de ajudar a comunicar apenas serve para confundir pela sua diversidade. Felizmente há já muitos clamores alegando que a extinção das é uma ameaça à espécie humana, e que, tal como a diversidade biológica é vital para a saúde da Terra, também vitais são a diversidades intelectuais e culturais. Isto é cada vez menos falacioso devido à globalização desenfreada

A sobrevivência dos idiomas neste século depende de todos nós , pelo que devemos aproveitar as novas tecnologias neste mundo de ondas hertzianas sem fronteiras onde a tirania dos governos não penetra. Usemos pois a internet para proteger e recriar as nossas línguas e culturas antes que elas se extingam.

"A tradução é hoje essencial para reconhecer uma Nova Europa de 27 países, e dezenas de línguas pondo-nos em contacto directo e instantâneo com diferentes culturas de vários países . Possam eles também descobrir esta nossa rica cultura açoriana.

---

## REFERÊNCIAS

Indonésia	694 línguas (9,5% do total),
PNG (Papua Nova-Guiné)	673
Nigéria	455
Índia	337
Camarões	247
Austrália	226
Rep. Dem. Do Congo	206
México	188
China	186
EUA	165
Brasil	150
Vanuatu	104
Rússia	90
Angola	37
Moçambique	35
Itália	30
Turquia	30
França	27
Alemanha	22
Guiné-Bissau	15
Espanha	13
S. Tomé e Príncipe	4
Macau	3
Cabo Verde	2
Timor-Leste (talvez 36)	não consta desta lista

[1] Daniell Nettle & Suzanne Romaine, *Vanishing Voices: The Extinction of the World's languages* Oxford University Press 2000 [1] Daniell Nettle and Suzanne Romaine, op cit [1] "Aboriginal Stolen Generation" descrita na peça "Stolen" encomendada pela Companhia de Teatro Ilbjerri Aboriginal and Torres Strait Islander em 1992, e representada no London's Tricycle Theatre, Julho 4-15, 2000. Originalmente descrita numa célebre canção de Archie Roach em 1987 "Took the children away".[1] Grécia, Itália, Escócia, Gales, Irlanda, Áustria, Canadá, Gibraltar, Holanda, Hungria, Índia, Madagáscar, Maurícias, Polónia, Rússia, Suécia, EUA; Índias Ocidentais, Cabo da Boa Esperança, Dinamarca, Egipto, França, Alemanha, Pérsia, Portugal e Lituânia. (Records of the First Fleet, Jan. 26, 1788.)[1] Dr. Annette Schmidt, 1990. os quatro maiores grupos de idiomas sobreviventes têm entre 3 – 4 mil falantes, e as restantes seis línguas têm mil falantes. 15 mil pessoas falam Aborigin Krill e Crioulo das Ilhas Torres. [1] In *Aboriginal Australian Encyclopedia*, Canberra: Aboriginal Studies Press for the Australian Institute of Aboriginal and Torres Strait Islander Studies, 1994.[1] <http://www.oliberal.com.br/index.htm>[1] David Crystal cunhou o termo *netspeak* para designar as formas inéditas de expressão escrita que a internet gerou[1] Entrevista a David Crystal, in revista VEJA – CAPA – 12/09/07